



A cobertura jornalística da campanha pelas “Diretas já”: o fantasma que ainda assombra a história da Rede Globo¹

Márcia Fantinatti²

Docente pesquisadora da Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo: A Rede Globo de Televisão, preocupada em organizar e divulgar a história de suas produções, lançou recentemente - através de seu Projeto Memória Globo - algumas publicações que revisitam, entre outros temas, o período de redemocratização no Brasil. Delas, destacamos o livro *Jornal Nacional – A notícia faz história*, publicado pela Zahar, em 2004. Neste ensaio, destacamos o que já localizamos e refletimos a respeito da versão da emissora, presente nessa obra, sobre a cobertura jornalística das “Diretas já”.

Palavras-chave: Sociedade da Informação; Rede Globo; Comunicação e Política.

Ao longo da ditadura militar no Brasil e principalmente durante a primeira década após o seu fim, era comum que os setores intelectualizados - sobretudo os identificados como “de esquerda” - efetuassem o exame minucioso e a crítica dos “anos de chumbo”, particularmente no que se referia às danosas conseqüências do autoritarismo à liberdade de expressão e, por extensão, às práticas jornalísticas. Uma vasta produção no campo acadêmico e também na esfera cultural (documentários, filmes, livros) atesta essa espécie de avalanche de abordagem crítica que o período autoritário havia represado.

Algumas empresas de comunicação foram duramente criticadas e acusadas por apoiar os militares e por manter política editorial alinhada com o conservadorismo político, na defesa dos interesses das elites sócio-econômicas que o golpe de 64 encarnava. Nenhuma o foi tanto quanto a Rede Globo de Televisão. Passadas duas décadas do fim dos governos militares, um fato surpreendente: preocupada em organizar e divulgar a história de suas produções, através de seu Projeto Memória Globo, esta lançou algumas publicações que revisitam, entre outros temas de nosso passado recente, o período de redemocratização no Brasil. Dentre elas, adquire papel de destaque o livro *Jornal Nacional – A notícia faz história*, publicado pela Zahar, em 2004, quando o telejornal completou 35 anos. Ele tem servido de base para pesquisa acadêmica que estamos realizando, em que nos propomos a identificar e analisar o atual discurso da Globo a propósito das coberturas jornalísticas em três momentos, de particular relevância para o processo de redemocratização brasileira: o movimento “Diretas Já”,

¹ Trabalho apresentado ao GT1 História do Jornalismo, V Congresso Nacional de História da Mídia, São Paulo, 2007.

² Jornalista, Doutora em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas e Professora da Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Líder do Grupo de Pesquisa “Comunicação e Política” do CNPq. e-mail: marcia_fantinatti@puc-campinas.edu.br.



que reivindicava o fim da ditadura militar e a instauração de eleições diretas para Presidência da República (1983-1984); o debate presidencial entre Fernando Collor de Melo e Luís Inácio Lula da Silva (1989) e o movimento pelo impeachment, impulsionado paralelamente à formação da Comissão Parlamentar de Inquérito que averiguava denúncias de corrupção no governo Collor (1992). Temos procurado fazer uma análise desses fenômenos, buscando compreender os sentidos da argumentação contida no conjunto de elementos que permitem visualizar o discurso atual da Globo – em termos do que representaria, hipoteticamente, enquanto peça chave na formação da opinião das novas gerações.

Neste ensaio, procuramos destacar especificamente o que já localizamos e refletimos a respeito das Diretas já.

As “Diretas Já” permaneceram como uma espécie de ‘ferida aberta’ na história do telejornalismo da Rede Globo. Isso se faz notar, entre outros aspectos, pela insistência em retomar o tema. As referências aos fatos reapareceram inúmeras vezes nos últimos anos. Até mesmo uma novela de época, que se passava na década de 30, intitulada *Esperança*, incluiu as Diretas.³ Na biografia de Roberto Marinho, escrita pelo jornalista Pedro Bial, também se lê a respeito (BIAL, 2005:286).

Tratando especificamente do relatado no livro “*Jornal Nacional...*”, percebe-se que, como a cobertura do grande comício realizado na Praça da Sé, em 25 de janeiro de 1984, foi a que sintetizou de modo mais contundente a crítica contra a Globo, o fato é retomado, com ênfase e detalhes. Aposta-se na afirmação de que aquele que seria considerado o principal comício pelas “Diretas Já” não foi omitido do público; que uma crítica comumente dirigida à Globo não passaria de uma falsa versão, baseada em mitos:

“Naquele dia, o telejornal exibiu reportagem de dois minutos e 17 segundos sobre o tema. Mas a matéria provocou polêmicas. Com o passar dos anos, fatos misturaram-se a mitos até que uma versão falsa ganhou as páginas de muitos livros sobre o assunto: a Globo teria omitido que o comício era uma manifestação pelas diretas; em vez disso, teria dito que se tratava apenas de uma festa em comemoração aos 430 anos da cidade de São Paulo” (Jornal Nacional..., 2004:157).

³ Cf. apontado, no último capítulo de ‘*Esperança*’, que foi ao ar em fevereiro de 2003, o protagonista Toni, já bem velho, cita os principais acontecimentos políticos que envolveram a participação popular em protestos de rua nas últimas décadas: “Ao citar o período militar, repressão, campanha pela anistia, pelas diretas já, fora Collor etc., o narrador vai incluindo-se, bem como aos seus filhos, netos, bisnetos. A novela encerra nesse capítulo, de forma concentrada na narrativa desse personagem, algo que a emissora talvez queira capitalizar para si mesma: a participação ativa e lado a lado com os movimentos populares em todos os momentos de transformações político-sociais pelos quais passou o país através de décadas. A cada geração, incorporou ativamente o que houve de mais ‘avançado’ na política, ou seja, os jovens nos anos 30/40 foram anarquistas ou comunistas; nos anos 60/70 lutaram contra o autoritarismo; nos 80/90 construíram a redemocratização do país, lutando por eleições diretas e em seguida, expulsando um presidente corrupto do poder.” (FANTINATTI, 2004:303).



Pouco antes do lançamento do livro, em artigo publicado em O Globo, em 24 de setembro de 2003, ao elogiar as chamadas comemorativas aos 34 anos do Jornal Nacional, inseridas nos intervalos da programação⁴, o diretor executivo de jornalismo da Globo, Ali Kamel explicitou a utilidade das que lembravam o período das “Diretas”: rebatiam uma das mais graves acusações feitas contra o Jornal Nacional:

“... não escrevo para elogiar o ‘JN’. Escrevo porque, em uma daquelas chamadas, uma pequena imagem do repórter Ernesto Paglia pode ter contribuído para rechaçar de vez uma das mais graves acusações que o ‘JN’ já sofreu: a de que não cobriu o comício das diretas, na Praça da Sé, em São Paulo. Uma acusação que está, inclusive, em muitos livros.” (KAMEL, 2003).

Isolado em relação ao contexto, esse aspecto que é trazido à tona - a matéria sobre o comício da Praça da Sé - expressa uma opção pela simplificação do problema. Minimiza a abrangência das críticas que foram dirigidas à emissora e que, sem dúvida, tiveram nos episódios relativos à cobertura daquele comício um dos pontos mais emblemáticos, mas a eles não se limitavam. É importante lembrar que a repulsa que a Globo causava em alguns segmentos do público estava relacionada à atitude relutante da emissora, que omitia o movimento pelas eleições diretas em seu Jornal Nacional. Para o que nos interessa destacar, o artigo de Ali Kamel, somado à carta que escreveu logo em seguida, destinada aos que atacaram a sua argumentação em O Globo, tornam-se referenciais, pois sintetizam todo o eixo de argumentação que o livro, lançado pouco tempo depois, revelaria. Segundo ambas as publicações, no que se refere ao movimento pelas Diretas: a) a Globo cobriu os comícios e noticiou o mais importante, o da Praça da Sé, em seu Jornal Nacional; b) a verdadeira motivação para as críticas dirigidas à Globo estaria no fato de haver uma expectativa, entre os proponentes do movimento, de que a emissora apoiasse as Diretas; c) quem critica a Globo perde de vista o momento político e o feroz papel da censura, ao qual ela estava mais ostensivamente exposta, principalmente pelo destaque que tinha, em termos de audiência, em relação a qualquer outro meio de comunicação⁵. Por último, merece atenção um ponto especialmente polêmico, sobre o qual, parece não haver unanimidade: Kamel (2003) opina que a Globo praticou bom jornalismo. No livro, embora essa seja a idéia predominante, há depoimentos que apostam no detalhamento dos problemas, em justificativas para as

⁴ Algumas chamadas traziam imagens de 1984, do JN, em que os locutores mencionavam os comícios pelas Diretas.

⁵ À época dos militares, segundo consta no Dicionário da TV Globo, publicado em 2003, suas telenovelas teriam ocupado, eventualmente, o lugar do jornalismo na tarefa de criticar a realidade, uma vez que este era fortemente vigiado: "Durante o regime militar, em que o jornalismo da Rede Globo - em alguns casos, mais do que outros veículos de comunicação - era cerceado pela censura, coube à dramaturgia desempenhar a tarefa de retratar e criticar a realidade política e social do país." (Luis Erlanger, Diretor da Central Globo de Comunicação, 'Apresentação'. In: Dicionário da TV Globo, Vol I, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003:ix).

limitações que o jornalismo teria sofrido, sendo um pouco menos otimistas em relação à qualidade da cobertura que a Globo fez das “Diretas”.

Detectados esses pontos principais, pusemo-nos a interpretar alguns dos significados dessas afirmações, sem, no entanto, pautarmo-nos por uma preocupação excessivamente esquemática ou um compromisso com a análise delimitada na forma ou na ordem dos itens identificados acima.

Iniciamos por reiterar que o Jornal Nacional do dia em que houve o comício da Sé – realizado no aniversário de São Paulo – não omite o comício a favor das Diretas. No entanto, é inegável que a chamada da matéria omitia o objetivo do comício: *“Festa em São Paulo. A cidade comemorou seus 430 anos com mais de 500 solenidades. A maior foi um comício na praça da Sé.”* (Chamada do JN, in: Idem, 2004: 157).

Passaram pelo comício milhares de pessoas e aquele era um fato de grande relevo jornalístico – tanto pela dimensão numérica quanto política, uma vez que expressava a contestação à continuidade dos militares no poder. Considerando-se que o telejornal deixa de mencionar, na chamada, o assunto mais polêmico e importante do momento, em favor de um fato trivial, esperava-se, décadas depois, que a mistura entre festa de aniversário e manifestação pública do descontentamento popular, com ênfase para a primeira, recebesse uma explicação: fosse admitida como um erro.

Não é esse reconhecimento da falha que se observa no livro. Embora em determinado trecho do livro admita-se que o fato de não ter ficado claro, pela chamada da matéria, que o comício estava referido à campanha pelas Diretas teve um peso, gerou uma confusão: *“A origem da confusão foi a escalada do Jornal Nacional. Nela, não há referência ao comício, mas apenas ao aniversário da cidade”* (Jornal Nacional..., 2004: 157), essa omissão, em favor do destaque exclusivamente para a capital em festa, não é admitida como equívoco. Insiste-se na existência de uma relação direta entre os eventos comemorativos ao aniversário da cidade e o comício, o que justificaria a alusão inespecífica:

“A chamada da matéria, lida pelo apresentador Marcos Hummel, referia-se ao comício como um dos eventos comemorativos do aniversário da capital paulista. De fato, havia a relação entre a manifestação e o aniversário da cidade.” (Idem, 2004:157).

Logo em seguida, no livro, há um esforço para esclarecer que, a despeito da “escalada”, o conteúdo da matéria não deixava dúvidas quanto à natureza do comício: a reivindicação de eleições diretas para presidência da República, afinal, “... a

reportagem de Ernesto Paglia relatou com todas as letras o objetivo político do evento: pedir eleições diretas para presidente da República.” (Idem, ibidem: 157).

Não estamos de acordo com essa opinião. Da forma como foi ao ar, a matéria não primava pela clareza e sim, obscurecia e fragmentava a campanha que se desenvolvia pelas diretas, em parte, pela escassez de informações, que o tempo reduzido dedicado ao polêmico assunto, por si, determinara.

O “mostra-esconde: um delicado desafio?”

Conti (1999) já apontara o suposto desafio a ser enfrentado por José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o “Boni”, no que se referia à encruzilhada em que se colocou a Rede Globo, em relação aos comícios, uma vez que outros veículos de comunicação de massa – não apenas os jornais impressos, mas também emissoras de televisão – passavam a noticiá-los. Sobre o comício da Sé, ele permite vislumbrar o que teria sido uma operação de bastidores:

“(…) Com a Bandeirantes e a Manchete dando flashes ao vivo e dedicando a maior parte de seus noticiários à manifestação na Sé, Boni imaginou uma maneira de mencioná-la, ao mesmo tempo que cumpria a ordem de não noticiá-la. Numa reunião na sala de Armando Nogueira, determinou que uma repórter falasse da Praça da Sé, em menos de vinte segundos, que ali estava sendo comemorado com um show o aniversário de São Paulo. Não deu certo: além de omitir, a Globo foi acusada de distorcer a verdade.” (CONTI, 1999:37-38)

Em entrevista concedida ao Jornalista Roberto D’Ávila, que foi ao ar em 28 de dezembro de 2005, a propósito do comício da Praça da Sé, o próprio Boni confirmou algumas das limitações impostas, naquele momento:

"A campanha das diretas foi uma censura dupla: primeiro a censura da censura, depois a censura do doutor Roberto [Marinho]. Como a televisão é uma concessão do serviço público, eles [os militares] sempre mantinham uma pressão muito grande dentro da televisão. No momento das Diretas-Já eles ameaçaram claramente a Globo de perder a concessão ou de interferir mais duramente no entretenimento. Então, o doutor Roberto não queria que se falasse em Diretas-Já. Eu fui o emissário final do pessoal do jornalismo na conversa com doutor Roberto e ele permitiu que a gente transmitisse aquilo ali dizendo que havia um show pró-Diretas-Já, mas sem a participação de nenhum dos discursantes, quer dizer, a palavra e o que se dizia, estava censurado." (José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. In: Agência Estado, 30/12/2005).

Esse curto trecho de entrevista, muito esclarece. Confirma-se a atenção redobrada com o tema das Diretas, pela cúpula da emissora⁶. Também se exemplifica mais um episódio de auto-censura, pela Rede Globo. Ao mesmo tempo, fica demonstrado que a

⁶ O que, entre outras coisas, torna ainda mais inverossímil a idéia segundo a qual teria sido um detalhe casual a chamada da matéria do Jornal Nacional em 25 de janeiro de 1984 não ter mencionado o comício.

diluição do sentido daquele comício era desejada. Note-se: diluição em meio a outro assunto, o que não implicou necessariamente em omissão ou negação de uma realidade. O que se pode afirmar é que, mostrando o comício em meio ao clima geral de aniversário da cidade de São Paulo, a edição certamente não favoreceu o esclarecimento da natureza política do evento. A chamada da matéria exaltava a comemoração festiva dos 430 anos da capital paulista, excluindo o comício político; a matéria o inclui, é verdade, mas mencionando-o de modo secundário, superficial e rapidamente, o que é injustificável, dada a sua inegável importância jornalística.

Tivesse a Globo apenas omitido os fatos, talvez pudesse ser aceita com mais facilidade a versão sobre o temor à censura. A gravidade, que revela a manipulação das informações que pudessem dar visibilidade ao “Diretas Já”, pela emissora, está na forma previamente concebida de, pela mescla de temas (aniversário + comício), rapidez das imagens e omissão do comício na chamada da respectiva matéria, colaborarem para que as reais dimensões daquela manifestação popular não fossem percebidas pelo telespectador do telejornal.

A edição do Jornal Nacional evitou o slogan “Diretas Já”. Não se trata apenas de uma opção por não apoiar o movimento, mas sim, de tomar providência para que, deliberadamente, este fosse descaracterizado. Afinal, o comício não era uma ação isolada: fazia parte de um conjunto de manifestações, configurando-se como movimento em favor de eleições presidenciais, que tinha na expressão “Diretas Já” – o nome pelo qual vinha se popularizando - um conjunto de significados práticos e simbólicos. A edição omite a campanha pelas Diretas, da qual este comício era uma das expressões e também colabora para diluir sua especificidade, ao evitar divulgar o nome que a campanha recebera e que o distinguiu: “Diretas Já”. Assim, a Globo põe em segundo plano aspectos essenciais daquele momento político, mais pela fragmentação do real do que propriamente por omissão em relação aos fatos.

Outro aspecto a ser destacado sobre as versões produzidas pela Globo, sobre os comícios, é que estas têm dado a entender que a emissora refletiu adequadamente a proporção política da campanha pelas diretas. O livro registra que: “...*com o crescimento da adesão popular ao movimento pelas diretas, o Jornal Nacional passou a noticiar todas as manifestações de rua.*” (Jornal Nacional... – 2004: 156).

Afirma-se, como isso, que cobertura jornalística teria crescido conforme o movimento crescia. No entanto, o que diversos críticos apontaram, à época, é que, quando a emissora levou ao ar o citado comício – tomando, como veremos logo adiante,



apenas cerca de um minuto de seu telejornal -, muitas grandiosas manifestações já tinham sido realizadas.

Tomemos o exemplo da matéria do comício da Sé, que reproduzimos abaixo, pois através de seu exame se pode verificar o exíguo tempo que foi, de fato, dedicado à manifestação por eleições diretas:

“São Paulo, 430 anos, nove milhões de brasileiros vindos de todo o país. A cidade de trabalho. São Paulo fez feriado hoje para comemorar o aniversário. Foi também o aniversário do seu templo mais importante, a catedral da Sé. De manhã, na missa, o cardeal arcebispo dom Paulo Evaristo Arns lembrou o importante papel da catedral da Sé nesses 30 anos em que ela vive no coração da cidade: ‘Nessa igreja se promoveu praticamente a libertação de um povo que quer manifestar-se como povo. Eu acho que isso é fundamental para uma Igreja mãe que é tratada com tanto carinho.’ E junto com a cidade aniversariou também hoje a Universidade de São Paulo. A USP completou 50 anos de existência. A ministra da Educação, Ester de Figueiredo Ferraz, foi à USP hoje. Ela falou da importância da Universidade com suas 33 faculdades e 45 mil alunos e assistiu a uma inesperada manifestação de estudantes e funcionários. Eles tomaram o anfiteatro com faixas e cartazes e pediram verbas para a educação, eleições diretas para reitor e para presidente da República. *Mais à tarde, milhões de pessoas vieram ao Centro de São Paulo para, na praça da Sé, se reunir num comício em que pediam eleições diretas para presidente. Não foi apenas uma manifestação política. Na abertura, música, um frevo do cantor Moraes Moreira. A praça da Sé e todas as ruas vizinhas estão lotadas. No palanque mais de 400 pessoas, deputados, prefeitos e muitos artistas, Cristiane Torloni, Regina Duarte, Irene Ravache, Chico Buarque, Milton Gonçalves, Ester Góes, Bruna Lombardi, Alceu Valença, Fernanda Montenegro, Gilberto Gil. A chuva não afasta o povo. Os oradores se sucedem no palanque e ninguém arreda pé. O radialista Osmar Santos apresenta os oradores. O governador de São Paulo, Franco Montoro, fez o discurso de encerramento: ‘Um dos passos na luta da democracia. Houve a anistia, houve a censura, o fim da tortura; mas é preciso conquistar o fundo do poder que é a Presidência da República.’*” (Matéria sobre o comício da Sé. In: *Jornal Nacional...*, 2004:157)⁷.

O que se observa é que a matéria completa – que exemplificaria, supostamente, o bom jornalismo da emissora e, ao mesmo tempo, serviria para rechaçar graves acusações contra ela, para lembrar as palavras de Ali Kamel, - foi ao ar com duração de apenas dois minutos e 17 segundos, mostrando a maior manifestação pelas Diretas diluída em meio à festa dos 430 anos da cidade de São Paulo. Ressalte-se que, desse breve espaço de tempo, apenas cerca de um minuto é efetivamente dedicado ao comício, uma vez que, praticamente metade da fala do repórter, antes de mencioná-lo diretamente, referia-se aos diversos acontecimentos do dia – da importância da Catedral da Sé ao aniversário da Universidade de São Paulo -, condensados num único texto.

Isso indica que até o principal dos comícios recebeu um tratamento jornalístico indigno, considerada a sua repercussão política. Era essa postura displicente para com o

⁷ Nota: grifos são nossos, para conferir destaque aos trechos que se referem diretamente ao comício pelas Diretas.

movimento pelas Diretas, no seu conjunto, o que era classificado como omissão do jornalismo da Globo. A emissora, que já dera motivos para críticas e desconfianças, pela forma geral como tratava de assuntos que envolvessem contestação aos governos militares ou às classes patronais⁸, conferiu tratamento superficial ao que viria ser um dos maiores e mais importantes comícios pelas Diretas, num momento em que já desgastava sua imagem, por ter mantido o “Diretas Já” fora do Jornal Nacional, ao longo de vários meses.

Vale registrar que o próprio Roberto Marinho, exprimiu opinião em que ficava clara a existência de reservas ao tema. À época, a direção da emissora temia colaborar indiretamente com a mobilização por “Diretas Já”. Por essa razão, passou meses registrando - quando muito -, apenas nos telejornais locais, os comícios que reuniam milhares de pessoas. Segundo depoimento, dado em 1984, pelo proprietário Globo, os comícios que se espalhavam pelo país não deveriam ser noticiados em rede nacional. Ele declarou à Revista Veja, àquela época, os motivos dessa espécie de censura prévia adotada pela emissora: *"Achamos que os comícios pró-diretas poderiam representar um fator de inquietação nacional e, por isso, realizamos num primeiro momento apenas reportagens regionais."* (Veja, 5/7/1984 apud Jornal Nacional..., 2004:156).

Por fim, a Globo levou o referido movimento ao ar para todo o país, é verdade. Mas apenas quando isso já não podia mais ser escondido. Ou, no eufemismo de Roberto Marinho, quando: *"... a paixão popular foi tamanha que resolvemos tratar o assunto em rede nacional."* (Jornal Nacional..., idem, ibidem).

Essa atitude, que pode ser interpretada como uma espécie de “adesismo” – reflexo, talvez, do temor à perda irreversível da credibilidade junto ao público – aparece convertida em uma qualidade a mais, nas palavras de Armando Nogueira:

“As passeatas, as manifestações, aquilo acabou se transformando em uma avalanche. E a Rede Globo, com o instinto de sobrevivência que sempre teve seu patrono, Roberto Marinho, não poderia ficar insensível a isto, embora estivesse duramente pressionada pelo Palácio do Planalto (...).” (Armando Nogueira, diretor da Central Globo de Jornalismo, in: Jornal Nacional... 2004:168).

A despeito do ar positivo conferido à mudança de postura da Globo, que deixou, aos poucos, de esconder os comícios de seu Jornal Nacional, compreende-se que havia uma preocupação expressa com o destaque a ser dado ao movimento. Daí se

⁸ A manipulação, pela emissora, de fatos ou eventos politicamente incômodos para as elites, deixava parcelas do público cada vez mais indignadas. Simões (2003) menciona a Rede Globo como a emissora de televisão mais envolvida com a filtragem de eventos ligados à greve dos metalúrgicos do ABC paulista, em 1978, indicando que sua “...cobertura se mostrou favorável ao patronato, obrigando os repórteres a esconderem o logotipo da emissora sob risco de sofrerem agressões nas ruas” (SIMÕES, 2003:85); indignação pela forma dela mostrar o movimento grevista.

demonstram, a um só tempo: auto-censura e conservadorismo político da direção da empresa de comunicação. É no reflexo que esse ponto de vista teria sobre as formas de edição que se esclarece o descontentamento em relação às coberturas da Globo: abertamente cerceador da opinião, já que, impositivamente, evitava dar voz ao “outro lado” – abrindo mão de prática necessária ao jornalismo que se pretende imparcial – no que se referia aos rumos que o processo sucessório deveria seguir.

Kamel (2003) mostra-se convicto de que os que assistiam ao Jornal Nacional, “*Como sempre, estavam bem informados*”. Sustenta sua convicção declarando que: “*Desde o momento em que Dante de Oliveira protocolou sua emenda na Câmara dos Deputados, em março de 1983, a Globo cobriu todos os passos da luta pelas diretas.*” (KAMEL, 2003).

As generalizações comportam o risco da imprecisão. Assim, o uso da expressão “todos” para se referir aos passos da luta pelas diretas que teriam sido focados pela Rede Globo, enseja a pergunta: e quanto aos passos dados na luta por diretas, por assim dizer, pelos “pés do povo”? Da análise que nos foi possível fazer sobre a cobertura jornalística do tema, percebe-se que o interesse da Globo por acompanhar tais passos era menor, se comparado aos que nela despertavam as movimentação de certos representantes políticos, notáveis pela constante presença na chamada “vida pública”, independentemente do quão radical tivessem sido as mudanças políticas, ao longo das décadas, ou as suas andanças por entre as siglas partidárias. Alguns destes, de fato, sempre estiveram à mostra na tela do Jornal Nacional, antes, durante e após o regime militar. De acordo com nossa leitura, a Globo não evitava o tema das eleições diretas. Do próprio livro se extraem exemplos de que o assunto aparecia, porém, sempre na fala dos representantes políticos de partidos situacionistas ou de oposição moderada. Ela levava ao ar o aspecto da política que convém aos conservadores: os políticos tradicionais, seja da Arena ou do PMDB, apareciam na tela da emissora, em seu telejornal, para declarar suas opiniões sobre qual deveria ser o formato da eleição presidencial para o sucessor de João Batista Figueiredo. Em 15 de outubro de 1983, a propósito de um encontro de governadores do PMDB que se realizava, o Jornal Nacional abriu espaço para o tema das eleições, dando voz aos políticos e com destaque para Franco Montoro, então governador de São Paulo e um dos líderes do movimento por Diretas, que não era simpático à idéia de uma candidatura única, de consenso, que se disseminava entre os setores mais conservadores de seu partido e que consistiria em escolher um nome que agregasse tanto a Arena quanto o PMDB:



“Eu fui muito claro. Eu acho que nós não devemos enfraquecer a luta pelas eleições diretas aventando outras hipóteses. Qualquer outra hipótese enfraquece. Eu acho que há tudo para que o Brasil retome agora aquilo que foi a regra normal da escolha dos nossos presidente.” (Franco Montoro, em edição do Jornal Nacional, 15/10/1983, in: Jornal Nacional... 2004:155).

Em matérias que nunca duravam mais que dois minutos, o Jornal Nacional mostrava os líderes peemedebistas que defendiam as diretas. Mas, além do reduzido tempo dedicado ao assunto, nota-se que o foco para a abordagem era o empenho dos setores mais conservadores dos partidos, pela candidatura única e eleições indiretas. Em 28 de dezembro de 1983, o Jornal Nacional dá voz a Ulysses Guimarães, do PMDB, que se posiciona: *“Eu entendo que qualquer candidatura, sendo indireta, tem um vício insanável. Eu condeno é o processo, eu condeno o sistema, seja quem for o candidato.”* (Ulysses Guimarães, em edição do Jornal Nacional, 28/12/1983, in: idem, ibidem:156).

Um outro exemplo de que o assunto eleições diretas não era evitado nem pela Globo e nem pelos militares é a declaração do próprio Figueiredo, ao Jornal Nacional, em 16 de novembro de 1983, de que seria favorável à aprovação de uma emenda restabelecendo eleições diretas para presidente: *“Se dependesse do meu voto, aprovaria. Só que o meu partido não abre mão do direito de escolher o futuro presidente.”* (João Batista Figueiredo, em edição do Jornal Nacional, 16/11/1983, in: idem, ibidem:155).

O movimento de massas é que deveria ser solenemente ignorado. Isso revela o caráter elitista, marcante na filosofia da Globo. Quando os políticos tradicionais abraçam o caminho popular, indo se juntar ao sindicalismo (que ganhara fôlego com a criação do Partido dos Trabalhadores e da Central Única dos Trabalhadores) e ao movimento estudantil (a UNE – União Nacional dos Estudantes e a Ubes – União Brasileira de Estudantes Secundaristas, recém reorganizadas) para levar milhares às ruas para pedir eleições diretas, há um ingrediente novo, temido pelos que possuem uma visão conservadora em relação ao poder. É a entrada coletiva e organizada de segmentos das classes populares e a indignação – agora incontida – das classes médias, na “briga” pelo fim da ditadura e sua ameaça ao formato preestabelecido pelas elites o que faz da campanha pelas Diretas um tema indigesto aos conservadores. Não é tanto o seu anseio (eleger o próximo presidente), o que provoca a indignação das elites – e dos proprietários de veículos de comunicação a elas alinhados -, mas o caráter que essa reivindicação adquiriu: massivo e popular.

Por todos os aspectos até aqui relacionados, a hipótese que menos se sustenta é a de que a Globo fez bom jornalismo, exaltada na fala de Ali Kamel. Essa opinião não é



unânime, o que se percebe a partir de outras nuances presentes no discurso oficial, mas é a que prevalece, uma vez que nenhum passo da emissora, no que se refere às Diretas, foi considerado equivocado. E que os episódios flagrantemente marcados pela opinião política de Roberto Marinho e que denotam auto-censura são mesclados, sutilmente, às supostas ou efetivas ações da censura, pelos depoimentos e também na narrativa que os acompanha.

Um certo tom de auto-crítica aparecera de modo mais claro e direto na Revista Época, uma publicação da Editora Globo:

"Com uma audiência potencial de 157 milhões de brasileiros, atingindo 98,75% dos 5.500 municípios, ou seja, com esse poder, a Globo poderia criar e derrubar presidentes, privilegiar ou ignorar coberturas jornalísticas. Foi justamente contra esse poder que a população saiu às ruas, em 1984, para protestar. 'O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo' foi o slogan mais repetido na campanha pelas eleições diretas, que comoveu o país naquele ano, mas não empolgou a rede. A Globo demorou para cobrir os comícios e foi duramente criticada pela omissão." (Revista Época, Caderno Especial, Agosto/2003, p. 22-23).

Talvez fosse mais autêntico expor os fatos dentro de um outro campo: abriu-se mão de fazer o bom jornalismo – que consistiria em levar ao público matérias que se pautasse pela imparcialidade, ouvindo os setores diretamente envolvidos, dedicando às edições tempo suficiente para que o tema político mais relevante do momento não ficasse espremido em nossa programação dedicada ao jornalismo – pois, afinal, estava-se diante de uma censura feroz.

Nos momentos em que a argumentação ganha essa linha, é quando se torna aparentemente mais convincente. Exemplifica-o, o depoimento a seguir: *“Se as diretas fossem hoje (claro), é óbvio que teriam 45 minutos de Jornal Nacional. A pergunta é: lá, naquela circunstância, isso poderia ser feito? Que consequência teria?”* (Antônio Brito (editor regional de Brasília da Globo, à época, in: Jornal Nacional... 2004:169).

Mas o raciocínio predominante segue uma linha autoconfiante e certa soberba. Em alguns depoimentos, verifica-se o esforço em demonstrar que a Globo não apenas não cometeu erros, como prestou relevante serviço às Diretas - o que pode ser interpretado como arrogância -, segundo ilustramos com o trecho a seguir:

“Dr. Ulysses Guimarães me dizia (...) que a Globo tinha dado uma repercussão na campanha das diretas que ele jamais poderia imaginar que tivesse. (...) a Globo transformou aquilo num negócio espetacular no Brasil inteiro. Isso, as pessoas não creditam à TV Globo. Por despeito não reconhecem. Porque a Globo foi o principal instrumento político daquela época. É evidente que a ordem do Dr. Roberto era para cobrir com cuidado. Mas isso não significava nenhuma ordem de conteúdo. Ele só não queria que a Globo fosse instrumento de meia dúzia de pessoas.”

(Alberico de Souza Cruz, diretor de telejornais da Globo, à época, in: idem, *ibidem*:168). (os grifos são nossos).

A opinião que se sobressai, no final do parágrafo destacado acima, também aparece em outros depoimentos, com maior ou menor clareza, mas cujo objetivo parece ser o de indicar que a Globo se precava em relação às “Diretas” porque não desejava ser “usada” como veículo de propaganda. Uma idéia associada a esse mesmo raciocínio dá conta de que a parcela do público (que apoiava as diretas) se indignava com o Jornal Nacional, pois desejava ver a Globo “vibrar” com o movimento. Ali Kamel, em seu artigo que, conforme afirmamos, foi publicado pouco antes do livro, já sugeria algo nessa direção:

“A minha tese é que não há má-fé por parte de quem difunde a acusação de que a Globo não cobriu o comício de São Paulo. Eu sou fortemente inclinado a supor que a Globo é tão querida, e tão reconhecidamente competente, que **muitos não a perdoaram por não ter feito uma campanha pelas diretas, no estilo das que faz em época de Copa do Mundo.(...)**”. (KAMEL, 2003). (os grifos são nossos).

Causa estranheza que o diretor de uma empresa que produz jornalismo, a qualquer pretexto, confunda a noção de “torcida” com a necessidade de dedicar espaço aos temas, opiniões e tendências que interessam ao público. Que sustente essa concepção – que implica parcialidade e adesão – nos parece ainda mais espantoso, pois evidencia a noção de que as escolhas políticas se equivalem à paixão que um time de futebol pode despertar; equiparam-se à exaltação das emoções; podem ser movidas pela repetição de gestos ensaiados e norteadas pelos ares ufanistas. O jornalismo – e particularmente a editoria política – talvez tenham um papel mais simples: o de propiciar ao público espaço para o debate democrático, para suscitar a reflexão.

Aderir, endossar, apoiar, torcer, empolgar-se. A Globo interpreta que era isso o que se esperava dela em relação às “Diretas”; e daí deduz que o seu jornalismo teria sido criticado em função de ter frustrado tais expectativas. De acordo com o livro:

“Mesmo quando a Globo passou a noticiar os comícios nacionalmente, a irritação permaneceu grande. Porque, embora não tenha mais deixado de mostrar em rede os principais comícios posteriores ao da Sé, a emissora manteve ainda, por algum tempo, o padrão de noticiá-los em matérias de até três minutos, quando **o anseio era que a Globo endossasse editorialmente a campanha.**” (Jornal Nacional...2004:158). (os grifos são nossos).

O que chama atenção é que, no intuito de fazer parecer que foi a imparcialidade a marca da cobertura jornalística sobre as “Diretas”, demonstra-se justamente o contrário.

Se os depoimentos atuais, para justificar o exíguo tempo dedicado ao movimento pelas “Diretas Já” (ou os ardis na edição: mistura de assuntos, subtração de termos,

omissão do assunto na chamada de uma matéria etc.), insistem no uso de expressões tais como “a Globo não fazia torcida”, “a Globo não apoiava isso” ou “a Globo não endossava aquilo”, apenas contribuem para confirmar o que já se sabia: que quando os proprietários da emissora não concordam com uma opinião, ela simplesmente não terá o devido destaque no Jornal Nacional. Sem rodeios – e, aparentemente sem perceber as contradições que esse tipo de afirmação revela - admite-se que as práticas jornalísticas da Globo foram simples desdobramentos da opinião dos chefes (refletida nos editoriais); estavam longe, portanto, de refletirem o interesse público. Basta inverter a ordem dos termos utilizados na supracitada frase do livro e perceber que a Globo declara o óbvio: como a cúpula da emissora não concordava com as “Diretas Já”, não as endossava, o Jornal Nacional dedicava-lhe, no máximo, três minutos. A inversão da ordem da frase é suficiente para desvendar a armadilha retórica – que consiste em tentar exibir imparcialidade, mas, no entanto, acaba recorrendo a um exemplo de práticas jornalísticas que confirma exatamente o caráter parcial das edições.

Outro aspecto permite enxergar que não endossar as diretas não significava imparcialidade, mas o seu contrário. Toda referência àquele momento histórico obriga a lembrar que havia dois caminhos antagônicos; ambos apontando, supostamente, na direção da abertura política: a) a abertura ampla, geral e irrestrita, representada pela multidão que se aglomerava nas ruas para pedir diretas versus b) a abertura lenta, gradual e segura, preferida pelos militares. Se o Jornal Nacional levava ao ar as movimentações políticas dos defensores de uma candidatura única, de consenso, ou simplesmente favoráveis a um processo sucessório indireto, precisaria – recorrendo a uma elementar regra jornalística - dedicar espaço ao movimento que lhe era oposto: aquele pelas eleições diretas. Nunca é demais reiterar que a neutralidade, conceito válido para a Química, não se aplica nem ao jornalismo, nem à política. Se a Globo incluía o tema da sucessão em seu principal telejornal e não oferecia espaço igual aos pólos que se antagonizavam, na principal luta política que se desenvolvia naquele momento, prestava apoio a uma das partes envolvidas, na medida em que desfavorecesse o aparecimento da outra, nas matérias de seu telejornal.

Por fim, a partir da versão oficial, admite-se, hoje, que a Globo não apoiava as Diretas; a partir daí se deduz e se confirma percepção antiga e óbvia: ela preferia as eleições indiretas e sempre apoiou os governos militares - até mesmo naquele que representou o seu período final, em que se revelava débil, desgastado – acreditando e colaborando para que o ritmo da abertura fosse lento. Um dos depoimentos registrados

no livro é emblemático. Seu autor está convicto de que a abertura política em direção à reconquista da democracia deveria seguir os rumos e ritmos preconizados pelos governos militares, ou seja, pelos próprios responsáveis pela sua supressão:

“A TV Globo realizou um trabalho **fundamental para a preservação daquilo que nós havíamos avançado em termos democráticos, aquilo que o presidente Figueiredo havia avançado em termos de democracia naquele conceito de Geisel – lenta, gradual e segura.** O crítico que vê o negócio ‘O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo’, acha que a TV Globo escondeu as diretas. Isso tudo é mesquinha completa, não tem a menor importância diante da grandeza maior que foi a sabedoria do Dr. Roberto (...)” (Pedro Rogério, repórter da cobertura em Brasília. In: idem, *ibidem*:171) (os grifos são nossos)

A justificativa para a timidez na cobertura das “Diretas já” vem escorada no poder de influência da emissora de televisão:

“Havia um cuidado muito grande em relação às diretas. A emissora parecia ter uma dificuldade editorial com o assunto. Possivelmente **uma preocupação com o calibre da nossa cobertura** que às vezes, **além de constatar o que acontece, pode alterar a realidade.**” (Ernesto Paglia, repórter da cobertura em São Paulo. In: idem, *ibidem*:169). (os grifos são nossos)

Essa timidez aparece como qualidade, em outros trechos do livro, como sinônimo de prudência, senso de equilíbrio ou maturidade, mas reafirma, uma vez mais, o conservadorismo político, que prevalecia na cúpula da empresa de comunicação e permeava as mais importantes decisões. O “avanço em termos democráticos” supostamente proporcionados pelos Generais Geisel e Figueiredo pareciam “de bom tamanho”, à época, somente para as elites, para as classes altas, que nada perdiam ou que muito ganhavam, com a permanência dos militares no poder.

Considerações finais:

A versão oficial vem de vários lugares e por diferentes depoentes, mas sempre em grande sintonia. Parte de seu poder de convencimento está na acertada aposta de explorar o tema da censura aos meios de comunicação de massa, efetivamente presente ao longo dos “anos de chumbo”. Ao colocar em primeiro plano o papel da censura – um mal, uma nódoa, uma prática inadmissível – a Globo se coloca num terreno ideologicamente confortável perante o julgamento do público.

Para quem vivenciou ou se dedica ao estudo do período, desfazem-se as expectativas de que haveria o reconhecimento dos equívocos cometidos pela emissora.

Ao abrir mão de uma reflexão auto-crítica, a emissora perde a oportunidade de fazer uma espécie de acerto de contas com o passado, no que se refere às falhas cometidas por seu jornalismo na cobertura das “Diretas já”, expondo-se ainda mais ao



descrédito a respeito desse assunto. Porém, ela acumula ao menos uma vantagem: o seu papel na formação da opinião pública ao longo dos governos militares e na fase de redemocratização é contado num momento que lhe favorece: duas décadas depois do fim da ditadura, parte do público leitor das publicações do Projeto Memória, das Organizações Globo, talvez seja caracterizado como alheio aos fatos que marcaram aqueles processos políticos⁹. Além disso, argumentação é consistente e, isolada de outras informações e reflexões, pode levar a uma interpretação histórica distorcida. Reitera-se, assim, a justificativa para a continuidade dos estudos e polêmicas sobre as “Diretas Já”: um tema ainda longe do consenso.

Referências bibliográficas:

BIAL, Pedro. Roberto Marinho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CONTI, Mário Sérgio. Notícias do Planalto. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Dicionário da TV Globo, Vol I, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

FANTINATTI, Márcia M. C. M. A nova Rede Globo: trabalhadores e movimentos sociais nas telenovelas de Benedito Ruy Barbosa. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas/SP, 2004.

Jornal Nacional - A Notícia faz história, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

KAMEL, Ali. “A Globo não fez campanha; fez bom jornalismo”. In: O Globo, 24/09/2003.

Memória de Roberto Marinho. In: Revista Época. Rio de Janeiro: Ed. Globo, Agosto/2003.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio de. “Caso Diretas já foi ‘censura dupla’, diz Boni”. In: Agência Estado, 30/12/2005.

SIMÕES, Inimá. “Nunca fui santa”. In: BUCCI, Eugênio (org.). A TV aos 50 anos - criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

⁹ Leve-se em conta que, talvez, estejamos diante tanto do desconhecimento quase completo sobre o tema, pela maioria dos jovens que hoje possuem entre 18 a 22 anos (e que seriam a geração que se prepara ou já se gradua em jornalismo, por exemplo), quanto pelo esquecimento, por grande parte dos que vivenciaram aquele período.